

YVES SAINT LAURENT, 1991

A edição francesa da bíblia da moda, a Vogue, abriu as portas do sucesso para o fotógrafo, que fixou as colecções dos maiores estilistas da praça em encenações provocadoras, com mais pele que roupa.

D.R.

**VOGUE FRANCESA, 1961**

O nevoeiro londrino não se apaixonou à primeira pelo trabalho de Newton, na segunda metade dos anos 50. Uma mulher nua encostada a um objecto? A Cidade das Luzes encetou o aval. Em 80 era já imagem de marca.

D.R.

**ESTUDOS DE NUS**

“Sempre que tinha oportunidade de fotografar algo inesperado, aproveitava. Sempre que saía para um trabalho ia preparado”, recorda a viúva de Helmut, aqui junto a um dos seus instantâneos.

D.R.



HELMUT NEWTON/ O erotismo dos rascunhos do rei das ficções kink

Nus femininos e universo fetiche em instantes imortalizados pelas polaroids. **Maria Ramos Silva** percorreu as mais de 300 imagens captadas pelo fotógrafo de moda ao longo de três décadas

O bsoletas à luz da fotografia digital, depositárias de um encanto especial para entusiastas da imagem instantânea. Helmut Newton não chegou a tempo de ver publicados em livro os mais de 300 momentos que rascunharam sessões de moda antes dos cliques que figuraram em dezenas de revistas. Em 2004, um acidente de automóvel em Sunset Boulevard pintou-lhe a morte com a mesma cor de glamour desmaiado de uma súbita Polaroid.

Um dos mais influentes fotógrafos de sempre alimentou um estilo particular, marcado pelos estudos de nus femininos, alusões sadomasoquistas e fetichistas em conteúdos de pendor erótico, notabilizados nos anos 80 com a série “Big Nudes”. Os registos, que serviram para testar os seus disparos, essenciais quando as sessões fotográficas eram realizadas em filme, foram preservados ao longo dos tempos pelo autor alemão e seleccionados pela companheira, June, para a exposição patente na Fundação Helmut Newton, em Berlim, até 20 de Novembro.

CIGAR INDUSTRY, 1997

Recuemos uns anos no tempo e situemo-nos em Milão. O fumo ainda mantinha o seu charme praticamente incólume, à luz das campanhas anti-tabagistas dos dias que correm.

D.R.

**AUTO-RETRATO**

Helmut Newton com Helmut Newton por Helmut Newton, ou o ilustre fotógrafo em plena acção, munido da sua máquina, em Paris, em 1997, em mais um momento a preto e branco que integra o acervo em livro.

D.R.



"Ele gostava de mulheres atraentes, mas sobretudo de mulheres poderosas. Porque é que haveria de passar a vida a fotografar pessoas que detestasse?", lembrou por diversas vezes a viúva de Helmut. A octogenária June, também ela fotógrafa, editora, confidente, curadora do marido, foi o centro de vários dos seus trabalhos e por várias vezes se lançou em sua defesa quando o cunho sexual imprimido às imagens lhe atribuiu a polémica coroa de rei do kink.

June usou muitos dos instantâneos captados por Helmut como marcadores em jantares. Alguns foram vendidos, outros leiloados. Muitos sobrevivem espalhados pelo mundo fora. Campanhas para Yves Saint Laurent e Thierry Mugler, ficções de Brigitte Nielsen, enquadramentos para a "Playboy". A sua exposição deu-lhes "vida própria", justifica no prefácio da edição lançada pela Taschen. "Adorava a pequena polaroid. Dava-lhe todas as indicações necessárias e permitia-lhe corrigir o que fosse necessário antes de usar qualquer outra máquina. Muitas vezes, trazia as polaroids tiradas durante o dia para me mos-

trar e perguntava-me: "Que achas?"

Newton, ainda Neustädter, antes de anglicizar o apelido, nasceu em Berlim, em 1920, filho de um rico fabricante de botões judeu-alemão e de uma americana. O interesse pela fotografia instalou-se cedo, levando Helmut a trabalhar para a fotógrafa Yva (Else Neulander Simon). Em 1938 foge do cerco nazi que se aperta no coração da Europa e segue para Singapura, por onde deambula como gigo-ló entre as classes altas, antes de se estabelecer em Melbourne, na Austrália, em 1940. Em 46 instala o seu próprio estúdio, lançando-se na área da moda no período do pós-guerra. Em breve tornar-se-ia cidadão australiano. Em 48 casa-se com a então jovem actriz June Brown, que se precipita estúdio adentro para fazer uns trocos extras como modelo e acaba perdida de amores pelas fotos nas paredes. "A fotografia será sempre o meu primeiro amor, mas tu serás o segundo", disse-lhe Helmut, confessou June em entrevista ao jornal "The Guardian". Nos anos seguintes, o par voou para a Europa.

Em 1956 estabeleceu-se em Londres em missão para a "Vogue" britânica. Os tem-

Liderou campanhas para Yves Saint Laurent, Thierry Mugler ou Playboy

Newton gostava de mulheres atraentes, mas sobretudo de mulheres poderosas



**"POLAROIDS",
DE HELMUT
NEWTON**

TASCHEN

39,99€

pos não corriam de feição para a ousadia da lente. Os shots ao melhor estilo noir não colheram logo aplausos – uma simples imagem de uma senhora encostada a um candeeiro de rua soava demasiado arriscado. A sorte acena então de Paris.

O sucesso internacional chega na década de 70, quando se torna uma celebridade entre as celebridades fotografadas para a "Vogue" francesa. Newton preferia o cenário das ruas ao interior dos estúdios, paisagens controversas e composições de impacto com a sua assinatura peculiar. June, entretanto travada pela barreira da língua, substitui o marido numa campanha publicitária para os cigarros Gitanes e acaba mergulhada na fotografia sob o pseudónimo de Alice Springs, cultivando um registo bem diferente do carácter assumidamente editorial e manipulador do marido, que recebeu o Grande Prémio Nacional da Fotografia em 1990, entre muitas outras distinções. Qual "Otelu a regressar a casa com os despojos de guerra para a sua Desdémoma", June decidiu ampliar as polaroids parafraseando a resposta do Lobo Mau ao Capuchinho Vermelho. "Para se ver melhor."